

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
GÊNERO, SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO

O FEMININO NA LITERATURA INFANTIL

Leonir de Pariz

PORTO ALEGRE

2011

Leonir de Pariz

O FEMININO NA LITERATURA INFANTIL

Trabalho de especialização apresentado como requisito para a obtenção do título de Especialista em Educação ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Orientadora: Prof^a. Dra. Jane Felipe

PORTO ALEGRE

2011

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer à minha família e amigos queridos, por compreenderem minhas ausências durante o período do curso de Especialização e entenderem o quanto era importante essa caminhada. Ao Edison, meu esposo querido, por apoiar-me nos momentos de conflito com suas palavras amigas, nunca me deixando desistir dos meus sonhos.

Agradecer também ao corpo docente do Grupo de Estudos de educação e Relações de Gênero - GEERGE pela acolhida nesse período de crescimento e aprendizado. Em especial a Prof^a. Dra. Jane Felipe pela orientação.

Agradecer à minha amiga Érica, por ser a principal motivadora de meu ingresso no curso. Agradecer em especial minha amiga Priscilla por estar ao meu lado incansavelmente nos momentos da construção deste trabalho de pesquisa.

RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de observar como a construção do feminino se dá através da literatura infantil. Para isso, foi utilizada como metodologia uma pesquisa qualitativa, apoiada nos estudos de gênero, aliados à perspectiva pós-estruturalista. Para a realização desta pesquisa foram selecionados livros que circulavam entre os diferentes espaços como sala de aula e ludoteca de uma instituição de Educação Infantil na cidade de Porto Alegre, sendo elaboradas categorias conforme recorrência da figura feminina ao longo das histórias. Com este estudo, foi possível perceber a grande recorrência de algumas imagens como a mulher na figura de mãe, capaz de solucionar conflitos e também como cuidadora, responsável pelo bom funcionamento de seu lar, entre outras características. Desse modo, destaco a importância de um olhar atento a fim de problematizar a utilização dessas histórias nos espaços educativos.

Palavras-chave: Gênero, Feminino, Literatura infantil, Educação infantil.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	6
1. Das trajetórias iniciais ao objeto de pesquisa.....	7
2. Representações de gênero nos livros infantis.....	12
3. Aspectos teórico-metodológicos da investigação.....	17
3.1 O locus de pesquisa.....	19
4. A construção do feminino nos livros infantis.....	21
4.1 Amor e romantismo: coisa de mulher?.....	21
4.2 Beleza, delicadeza e intuição: atributos do feminino.....	23
4.3 Vestuário com cores angelicais e adereços; Mulheres fúteis, mulheres cuidadoras e o modelo de família nuclear;.....	28
4.4 Homens como figuras de proteção e segurança	34
5. Em busca de novos caminhos.....	37
REFERÊNCIAS.....	39
ANEXOS.....	41

APRESENTAÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso discute a representação do feminino na literatura infantil. No capítulo “***Das trajetórias iniciais ao objeto de pesquisa***” realizo um pequeno resgate de minhas vivências trazendo recortes capazes de ilustrar o interesse pelo tema abordado em especial a construção do “gênero feminino” através da literatura infantil, buscando um diálogo de minhas experiências com teóricos que utilizei a fim de sustentar a elaboração da pesquisa.

No capítulo 2 “***Representações de gênero nos livros infantis***”, procurei colocar em evidência autores nos quais me baseei, bem como em estudos realizados sobre imagens e literatura infantil relatando experiências que me constituíram como sujeito e constante aprendiz.

No capítulo 3, destaco o espaço o qual atuo e que serviu de *locus* de pesquisa para análise dos livros infantis. Apresento também aqui as obras analisadas e como se deu a escolha das mesmas.

No capítulo 4, intitulado “***A construção do feminino nos livros infantis.***”, apresento as categorias de análise dos livros de acordo com as recorrências ao longo da leitura dos mesmos. Análise essa acompanhada de imagens e frases que levaram a criação dessas categorias.

Para encerrar, em “***Em busca de novos caminhos***” trago as expectativas ao encerrar esta pesquisa – mas não deste estudo pela sua complexidade e pela evolução de uma perene transformação. Busco aqui, o grande desafio de novas perspectivas de estudo e problematização dentro e fora de sala de aula.

1. Das trajetórias iniciais ao objeto de pesquisa

Ao pensar em minha infância procurei me lembrar qual foi meu primeiro contato com a literatura. O acesso às histórias infantis propriamente ditas, daquelas tradicionais dos contos de fadas, era raro. Lembro-me de uma professora ter contado em sala de aula. Na verdade, as leituras que eu ouvia todas as noites era as de uma passagem da bíblia e mesmo assim eu adorava, pois era um hábito da família ler a mesma todas as noites antes de dormirmos, ou na catequese aos sábados. Embora fosse ainda muito pequena para fazer a comunhão, eu chorava para ir com minhas irmãs, só para ouvir a catequista contar as histórias, ainda que fossem só sobre as temáticas religiosas, talvez por ser esta, a única possibilidade de leitura que dispúnhamos àquela época, além das embalagens de erva de chimarrão que meu pai trazia e que usávamos para encapar os cadernos. Segundo BOLFÈR:

Os livros de literatura infantil destinam-se às crianças, que estão ou estarão inseridas na escola. Portanto, a clientela da literatura infantil é, em grande parte, a clientela escolar. Desse modo, estes livros são produzidos para o consumo na escola ou através da escola. Se trazida para a escola, esta literatura se escolariza. Escolarizada, sua leitura, ato cultural e historicamente demarcado, acaba sendo considerada meio de promoção social. Assim, ler pouco ou não saber ler faz com que o cidadão sintam-se ou torne-se inferiorizado. Nas sociedades letradas, o conhecimento depende do livro e das habilidades do leitor. Estas habilidades vão além do decodificar letras e palavras e têm por objetivo formar o leitor adulto capaz de intervir e compreender sua realidade social.

Este espaço era tão mágico para mim que meu maior sonho era estudar no colégio de meninas e me tornar freira assim como alguns dos meus familiares.

É importante destacar que nasci e cresci em uma pequena localidade de imigrantes italianos no interior de Santa Maria onde a igreja representava e dominava a maioria dos espaços escolares, colégio das meninas, colégio dos meninos, das freiras, dos padres maristas. Lembro-me também das missas aos domingos, a disposição dos

espaços na igreja, de um lado os homens e meninos, do outro, mulheres e meninas. Nossas roupas de ir à igreja eram muito sóbrias e as mulheres usavam véus que cobriam a cabeça e o rosto.

Lembro que uma parte do sermão do padre era dedicada aos jovens. Dependendo dos acontecimentos naquela comunidade, o sermão era bastante forte (leia-se autoritário), em que a palavra chave era o pecado. Tal controle acabava por inibir ações que fugissem à normatização daquela localidade interiorana (os bailes, os beijos, as roupas, etc.). Muitas vezes levávamos para casa uma grande culpa, pois todo e qualquer comportamento que fugisse as regras locais era reprimido. Lembro que a instituição igreja era quase uma extensão da família, de conselheira a moralizadora. Quando casei e constituí minha família sempre busquei a igreja como norte na orientação e na educação de meus filhos. Tal controle, segundo Louro:

Arriscar-se por caminhos não traçados. Viver perigosamente. Ainda que sejam tomadas todas as precauções, não há como impedir que alguns se atrevam a subverter as normas. Esses se tornarão, então, alvos preferenciais das pedagogias corretivas e das ações de recuperação e de punição. Para eles e para elas a sociedade reservará penalidades, sanções, reformas, e exclusão. (LOURO, 2003, p.16)

Talvez não seja por acaso que na minha vida acadêmica lutei muito para concluir meus estudos, mas pouco lutei para ir ao encontro do que eu entendia como felicidade na minha formação. Busquei sempre cursos voltados ao magistério já que para a minha família era lindo ser professora. E percebo que mesmo que tenha havido algumas transformações na forma de agir e de pensar, os discursos sobre as identidades de gênero ainda são bastante semelhantes aos velhos tempos, como salientam autoras como Jane Felipe (2000) e Guacira Lopes Louro (1995). A educação no âmbito das escolas, nos livros didáticos, bem como nos livros literários utilizados pelas escolas onde as temáticas apontam ou ensinam modos de comportamentos diferenciados para meninos e meninas de forma bastante naturalizada. As autoras acima citadas irão mostrar como a educação de meninos e meninas, era pautada pelo binarismo masculino – feminino. Louro (1995, p.57) chama atenção para o cunho pedagógico

quanto a função das escolas de produzir as pedagogias da mulher; separando as mulheres dos homens e diferenciando as formas como deveriam ser educadas, produzindo essas diferenciações através de variadas dinâmicas como: organização, currículo, prédios, docentes, regulamentos avaliações, que segundo a autora serviriam para explicitar e também produzir diferenças entre os sujeitos. Em uma das escolas em que estudei não havia separação **entre** meninas e meninos, mas esta separação se dava pelas escolhas do curso, estudei no I.E. Olavo Bilac e no I. E General Flores da Cunha, um colégio com perfil feminino onde eram oferecidos cursos de magistério durante os horários do diurno e orientação de creche no horário do noturno e para os meninos secretariado a noite somente. Nas inúmeras disciplinas oferecidas nestas escolas a docência era quase que exclusivamente ministrada por mulheres e apenas por um professor.

A partir de minhas observações em sala de aula como professora de educação infantil, percebia que dentre todos os momentos de minha rotina em sala, o mais apreciado pelas crianças era o momento do contato com as histórias infantis. Eu observava que embora as histórias já houvessem sido contadas milhares de vezes, o interesse pelas mesmas continuava quase que de forma mágica envolvendo e atraindo a atenção das crianças por um longo tempo. Mesmo muito pequenas, as crianças pegavam os livros, seguravam, e olhavam dando a impressão de que estavam lendo. Mais intrigada eu ficava quando as mesmas resolviam contar história para os colegas, pois continuavam se comportando como se soubessem ler, contavam linearmente respeitando a sequência de fatos, inclusive entoando a voz acompanhando um movimento facial retratando o sentimento do tema que estavam lendo, como por exemplo, tristeza alegria...

As obras literárias intentam provocar um conjunto de emoções que permitam ao leitor participar mais intensamente na ficção que discorre ante seus olhos. Através de diferentes recursos constroem cenas de uma grande potência sensitiva, visual e sonora e buscam formas de pulsar distintas fibras emocionais, seja o terror ou a ternura, a placidez ou a excitação. (COLOMER apud KAERCHER 2010, p.90)

Tais inquietações ficaram comigo até eu ingressar na graduação e saber que a leitura vai além da escrita, e dentre estas, a leitura de imagem. Sabemos que através das leituras as crianças ampliam as suas fantasias no mundo da imaginação, e em muitas situações não admitem que as histórias sejam contadas diferentemente do que está posto nos livros. Dessa forma, temos que contá-las ou ler na íntegra ou correremos o risco de sermos massacrados pelos nossos pequenos críticos.

Ingressando para a especialização onde os temas discutidos davam-se em torno das questões de Gênero, sexualidade e educação e procurando um tema para minha pesquisa, novamente me deparei com as histórias infantis, já que as mesmas conseguem capturar desde muito cedo nossos pequenos leitores.

Durante os últimos anos a literatura produzida para o público infantil tem se expandido de forma rápida atendendo os mais diversos gostos e classes sociais. Além de objetos, também os espaços têm sido criados para atender as necessidades das crianças (e/ou dos pais). O negócio de atender ao público infantil tornou-se muito lucrativo e se estendeu por vários segmentos, dentre eles o mercado editorial.

Podemos observar que na Feira do Livro de Porto Alegre, nos últimos anos, foi criado um espaço específico para atender as crianças, oferecendo diversos tipos de livros, abrangendo diferentes temas relacionados ao universo infantil. Tal iniciativa faz parte de um movimento que se acentuou especialmente a partir da década de 50 do século XX, quando a criança passou a ser vista como consumidora em potencial. Aos poucos, com o surgimento de novas tecnologias (a pilha, por exemplo) vários produtos começaram a ser feitos para este público: brinquedos que se movimentavam, emitiam sons e luzes. Com o passar dos anos vários segmentos sociais começaram a produzir inúmeros artefatos específicos para o público infantil: roupas, brinquedos, mobiliário, produtos de higiene, limpeza e embelezamento (maquiagens, por exemplo), filmes, jogos eletrônicos, computadores, celulares, etc. Tais objetos estão carregados com diferentes visões de mundo dos adultos e veiculam valores culturais que se pretendem hegemônicos dentro da nossa sociedade, dentre os quais representações de gênero.

O objetivo deste trabalho consiste em analisar de que forma os livros de literatura infantil visibilizam o feminino em seus textos e ilustrações. A análise acontecerá a partir dos conceitos estudados ao longo do curso, subsidiada com aportes teóricos pertinentes aos temas tratados. O principal aspecto a ser analisado será construção do feminino e suas relações em uma creche federal na cidade de Porto Alegre a partir dos livros analisados, que serão detalhados no capítulo de metodologia.

A partir das discussões em aula e os textos apresentados ao longo do curso de especialização *Gênero, Sexualidade e Educação* surgiu em mim o interesse em pesquisar como aparecem as questões do feminino nos livros de literatura infantil. Quais as principais e mais recorrentes representações sobre as mulheres/meninas veiculadas nesses artefatos culturais? As questões de gênero estão tão presentes no nosso cotidiano, muitas vezes de forma tão naturalizada que nem percebemos o quanto reforçamos alguns comportamentos nas crianças.

Com o aumento da produção de livros dedicados ao público infantil a partir dos anos 90, a indústria livreira tem movimentado grandes montantes de capitais, é possível perceber a relevância desse material no espaço da Educação Infantil, pois as famílias consomem esses produtos, bem como as escolas adquirem livros e materiais relacionados para montar acervos que são disponibilizados às crianças. Estes materiais, oferecendo informações e pontos de vista sobre os mais diversos temas, têm uma forte influência na formação do sujeito, na construção de conceitos hegemônicos, sobre masculinidades e feminilidades. Este novo olhar acerca da literatura e suas representações despertou em mim o desejo de buscar mais, não só através da literatura, como também analisar as diferentes histórias infantis, e a partir destas análises, entender como estes artefatos se constroem e constroem os sujeitos.

2. Representações de gênero nos livros infantis

*Olhar é forma de perceber, mas não se trata do gesto maquinal de colocar os olhos em algo rapidamente. Refere-se ao ato de, a partir dos olhos, examinar, avaliar, correlacionar, pensar o que está sendo visto. Aprender a olhar significa sair do gesto primário de captar algo com os olhos, que é uma atividade física, e passar para outro estágio, aquele em que, a partir de muitos exercícios mentais, observemos e compreendemos o examinado. (...) Olhar, portanto, é uma soma que inclui o físico, o psicológico, a percepção e a criação.
(RAMOS, 2011, p. 34)*

A partir das teorizações de gênero (LOURO, 1997; FELIPE, 2003, PIRES, 2007), procurei analisar as representações do feminino, presentes nos livros infantis, que são importantes artefatos culturais. Também procurei considerar as contribuições dos estudos da Cultura Visual, em especial as pesquisas de Susana Vieira da Cunha (2008).

É interessante observar o quanto somos capturados pelas imagens desde cedo. Se observarmos os bebês de berçário, vamos perceber o universo de imagem que lhe cerca, seja ele com os brinquedos, decoração da sala e outros objetos que distraem as crianças, como móveis pendurados feitos de diversos materiais e diferentes recursos nas cores em especial, as mais fortes e chamativas, para ganhar a atenção dos pequeninos. São nesses espaços que também, nos deparamos com crianças manuseando e explorando livros de história com materiais de texturas e cores diferentes em muitas vezes as figuras em relevos, em geral as histórias são sobre animais e então os mesmos são retratados através de tecidos cordão, etc., para se aproximar da imagem mais real possível.

Crianças aprendem rapidamente a língua das imagens porque estão em uma fase do desenvolvimento em que as sensações, vinculadas às formas, cores e texturas, ainda estão à flor da pele,

ainda não sofreram a influência excessiva dos efeitos da racionalização. (RAMOS, 2011, p. 41)

Fica claro que a literatura infantil encanta as crianças através imagens, pois percebo isso na minha prática. Ouso dizer que as imagens são mais importantes que a escrita na primeira etapa da vida. Quando se pergunta a alguma criança “que história vocês acham que é esta”? “Do que vocês acham que fala esta história?”, percebe-se o quanto as imagens são fundamentais, não só para crianças não alfabetizadas, mas também para aquelas que já sabem ler. Com certeza eles serão apreendidos pela imagem e conseqüentemente apontarão diferentes opiniões, pois cada um interpreta a mesma a partir de sua leitura ou do que vê, ou como seu olhar vem sendo construído.

As crianças, pouco compromissadas com a lógica, são capazes de dar diferentes rumos para uma história proposta a partir desta linguagem em que as palavras estão ausentes .(...)elas imaginam nomes para as personagens; constroem situações que apenas se referenciam nas imagens dadas, são levadas a elaborar um discurso narrativo muito particular. (RAMOS, 2011, p. 109).

Se, no século XIX, as ilustrações tinham a função de amenizar uma maçante leitura (Ramos, 2011), hoje podemos dizer que há uma relação de sinergia entre texto e imagem, resultando na soma de forças de ambas. De acordo com Graça Ramos: “Nossa imaginação é levada a pensar assim pela junção de texto e da imagem”. (Ramos, 2011, p.54).

A imagem com certeza está presente desde que acordamos, e realizamos o primeiro ato que é de abrir os olhos e imediatamente somos bombardeados por imagens, apesar de sabermos que nem todas serão capturadas por nosso olhar já carregado por nossas vivências. É dentro dessa idéia que me reporto no exemplo da criança de berçário: as imagens que reproduzimos tem que garantir ou capturar ao endereçado. E no nosso cotidiano constantemente estamos eliminando umas e buscando outras possibilidades, ou porque não gostamos ou por perseguir imagens que construímos a partir de nossa imaginação pela nossa capacidade de reinventar.

Segundo Ramos (2011, p.34): “Quando ocorre de não compreendermos uma imagem, de não lhe darmos a devida importância, essa falta pode ser creditada, muitas vezes, a uma lacuna em nossa formação cultural.” E nessa perspectiva que somos constituídos e constituímos sujeito. Pois as imagens que capturamos ao longo da infância nos possibilitam ir e vir. Com certeza muitas imagens que capturamos no passado são reativadas em nossa memória com uma nova imagem, isso é tão real que até as imagens que foram capturadas com menos intensidade são evocadas, até mesmo por um cheiro nos remete a um tempo, local e situação. E com certeza vamos buscar nossos registros em nosso velho arquivo.

Lendo o livro de Graça Ramos (2011) estabelecendo um diálogo através da leitura, pude imediatamente buscar em meus arquivos situações semelhantes relatadas nesse texto. Mesmo sem saber da importância que teriam as imagens capturadas através do meu olhar na minha formação enquanto sujeito cognoscente. Não posso negar o quanto me emociona a cada capítulo lido, pois foi quase que voltar ao passado através das lembranças imagéticas, com uma intensidade e desejo inexplicável de uma criança diante de uma descoberta. E também pela valorização do outro sobre as coisas que eu valorizava. Quando lembro enquanto criança do meu olhar inquieto diante da magia do sol entrando pelas frestas da velha casa de minha família logo ao nascer do sol e seus efeitos. Verticalmente iam aparecendo várias cores matizadas. Assim acontecia com a casca de laranja que apertávamos entre os dedos e lançávamos contra o sol e ficávamos observando o efeito mágico que surgiam nas cores alaranjadas, roxas, avermelhadas não só no espaço, mas se estendia pelas mãos surgindo outras cores. E nos dias de chuva em que esperávamos ansiosos a sua parada para vermos o arco-íris. Havia uma crença que o colorido do arco-íris era daquele jeito porque havia uma panela com ouro ali. E cada vez que ocorria esse fenômeno nós ficávamos mapeando caminhos para chegarmos lá. Ou quando lembro de um garotinho que ficava observando os movimentos da lagoa por horas a fio com um olhar fascinado. Poderíamos falar por muitas horas sobre as imagens que vertem em meus pensamentos no presente e no passado, de forma inesgotável. O tema sobre as imagens pode ser para mim uma das mais fascinantes descobertas assim como as

crianças se fascinam com as descobertas nas paisagens nos livros desde que nós como adultos estejamos dispostos a aprender a linguagem das imagens. Eu posso dizer que muitas vezes aprendi a olhar as imagens com o olhar dos meus pequenos alunos e como diz a autora, com um olhar de aprendiz porque eu tive que aprender o olhar das crianças para poder aprender o que elas aprendiam através das imagens. Ensinar a criança a conhecer o mundo através do olhar, conhecimento este que se dá através das experiências vividas e das observações.

Lembro que cada vez que iniciamos um projeto na escola sempre partimos do interesse das crianças e nosso olho tem que buscar enxergar o interesse dos nossos pequenos. Por exemplo, o fascínio que as crianças têm quando saímos do espaço de rotina, dando uma volta na quadra ou quem sabe no jardim botânico ou um passeio de barco, ou apenas passear pela orla do Guaíba e jogar pedrinhas na água e perceberem o efeito com a queda. Muitas vezes elas são furtadas de experienciar muitas situações por conta do cuidado ou porque muitas vezes queremos que a criança enxergue o que nós enxergamos. Por vezes exigimos que as crianças tenham um olhar conjunto de grupo. Ou pelo adiantado da hora, exigimos que terminem logo a tarefa proposta, dentro da lógica de que elas devem sempre ter um produto final nas suas produções. E quantas vezes uma ou outra criança se dispersa e fica perdida em seu olhar. Às vezes julgamos que como ela não acompanhou o que estava sendo proposto ela apreendeu menos coisa do que os outros. E ao chegar na hora de relatar um passeio, por exemplo, nos surpreende a riqueza de informação não só na fala, mas na hora de representar através do desenho. As crianças retratam paisagens que muitas vezes passam despercebidas pelo nosso olhar treinado ou programado a enxergar determinadas coisas. Creio, porém, que cabe fazer aqui uma crítica a essa prática tão disseminada na Educação Infantil, de fazer com que tudo termine em desenho.

Quando nos reportamos às histórias infantis percebemos que elas são pensadas para transmitir algum tipo de informação além do que está sendo narrado. As imagens, para além da ornamentação, têm a função de retratar os acontecimentos ali narrados como forma de compreender o mundo, compreender o que se vê.

Por volta do século XIX começaram a surgir as primeiras ilustrações nos livros infantis, sendo um marco importante na história dos livros. De lá para cá, com o aumento das tecnologias, houve uma considerável sofisticação nessa área.

Foi nesse período, século XIX, que surgiram diversos clássicos importantes escritos por Lewis Carrol, mas "*Alice no país das maravilhas*" se destacou e continua atraindo pelas suas ilustrações e atraindo teóricos da literatura infantil e estudiosos da imagem. O livro foi publicado em 1865 e a partir daí a personagem Alice passou por diversas modificações ao longo da história, bem como as cores de preto e branco passaram por um processo de transformação de duas cores - preto e branco - para mais de três cores denominados de policromia. Também foram criadas imagens em 3D entre outras por conta da importância da imagem nas estruturas das literaturas infantis. Enfim Alice foi e é a inspiração até hoje pelas suas imagens.

Autoras como Graça Ramos (2011) mostram a importância das ilustrações, pois através delas que a criança faz a sua leitura elaborando e re-significando seu mundo, resolvendo situações de conflitos interiores através dos contos de histórias e sua identificação com os personagens. É graças a essa possibilidade de armazenamento de informações nessa fantástica caixa que é nossa memória que temos passaporte para viajarmos em diferentes tempos da vida para buscar em nossos acervos, imagens que nos ajudam a decodificar, transformar e recriar, inspirados nas vivências que estas leituras nos possibilitaram.

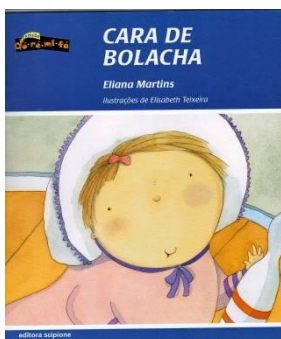
É respaldada por esta ideia que procurei analisar as imagens como um dos recursos na formação de identidade de gênero, aqui em especial o feminino, analisando como estas imagens foram apresentadas nos livros infantis. Podemos observar nas imagens apresentadas ao longo do texto de que modo a figura da mulher era colocada em determinadas circunstâncias e espaços a partir de valores hegemônicos atribuídos a elas ao longo das histórias.

3. Aspectos teórico-metodológicos da investigação

A partir do momento em que delimito o tema de minha pesquisa, valorizando o espaço onde trabalho, bem como suas possibilidades de leituras oferecidas aos pequenos, passei a selecionar algumas obras, mas que não fossem somente sobre Contos de Fadas, onde aparecem de forma mais contundente as questões de gênero (a mocinha que é salva pelo beijo do príncipe, por exemplo). Busquei não somente no espaço da ludoteca, mas também o lugar de contato mais direto que as crianças estabelecem com os livros: as salas de aula. Observei que essas obras, além de circularem livremente pela sala também estavam presentes de forma direcionada através da professora como, por exemplo, na “Hora do Conto”, relacionada ou não com o tema do projeto em questão. Com os livros em mãos, procurei saber com que frequência as crianças utilizavam esses livros e a partir dessa frequência perceber os comentários sobre os mesmos.

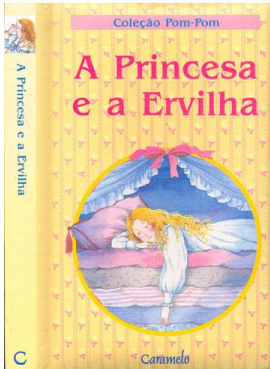
Os livros selecionados foram os seguintes:

- CARA DE BOLACHA - MARTINS, Eliana. Scipione, 2005.



Bruno reina sozinho em sua casa e tem toda a atenção dos pais e avós. Até que um dia recebe a notícia de que vai ganhar uma irmãzinha. Ele não fica nada feliz com a novidade. Quando o bebê nasce, ele decide que não vai gostar daquela criança com cara de bolacha. Mas, com o tempo, domina seu ciúme e passa a gostar da menina.

- A PRINCESA E A ERVILHA - GRIMM Caramelo, 1997.



A “Princesa e a ervilha” relata a história de um príncipe que desejava casar-se com uma princesa de verdade. Certa noite, após muito procurar, bate à porta do castelo uma jovem dizendo-se uma princesa de fato, embora estivesse em péssimo estado de aparência. Sua mãe, uma rainha esperta e desconfiada, age com sabedoria para descobrir se o filho não estaria sendo enganado e arquitetava um plano para comprovar a veracidade de sua nobreza.

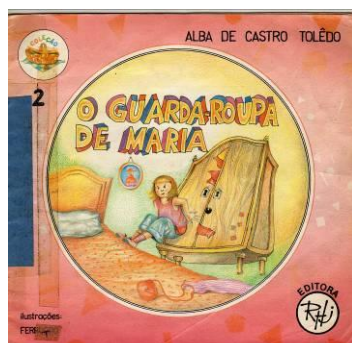
Convida-a para dormir sob cobertores que ocultavam uma pequena ervilha. A moça revela-se sensível o suficiente e assume ter dormido mal naquela noite, sem saber o motivo. Prova feita, a mãe aprova o casamento de seu filho com pessoa tão sensível, embora sua aparência não evidenciasse este fato.

- ORELHAS DE MARIPOSA – AGUILAR, Luisa. São Paulo: Callis, 2008.



Mara tem orelhas de abano. Ou seriam de mariposa? Mara usa meia furada. Ou será que ela tem um dedo curioso? Essa história mostra de forma delicada e bem-humorada que as qualidades ou os defeitos das pessoas podem ser enxergados de diferentes formas, dependendo somente do ponto de vista.

- O GUARDA-ROUPA DE MARIA. TOLEDO. Alba de Castro. Rio de Janeiro. RHJ, 1989.



O texto reflete os anseios do universo feminino, a questão da vaidade diante de um guarda-roupa em dia de festa.

- CONVIVENDO COM SEU SEXO. SOUZA, Halia P. Porto Alegre. Paulinas, 2001.



Voltado para uma faixa etária que vai dos 3 aos 7 anos e valendo-se dos personagens Pedro e Anita, a autora escreve para os pequenos sobre como o bebê nasce e porquê.

- MAGIA DAS PRINCESAS. Palavras do Coração – Disney São Paulo: V&R, 2010.



Este livro traz aos pequenos leitores e leitoras palavras que expressam confiança, imaginação, paz e otimismo. O livro mostra frases de “incentivo” que foram proferidas nos seguintes filmes: Princesa da Disney, Branca de Neve, Ariel (Pequena Sereia), Bela (A Bela e a Fera), Yasmim

(Aladim), Cinderela.

3.1 O *locus* da pesquisa

O local escolhido para desenvolver a pesquisa foi a creche federal Francesca Zacaro Faraco, que está localizada no bairro Santana e atende filhos/as de servidores/as e professores/as da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. A escola conta com um quadro de 42 professores distribuídos em 8 turmas (Berçário, Maternalzinho 1 e 2, Maternal 1, Maternal 2A, Maternal 2B, Jardim A e Jardim B) de turno integral, além de duas professoras de Educação Física. A creche conta ainda com

os setores de Psicologia, Nutrição, Enfermagem, Educação Física e Ludoteca. Além desses setores de apoio há também atividades de Extensão com pesquisas dos cursos de Pedagogia, Psicologia, Odontologia, Educação Física, Medicina, entre outros.

O espaço da ludoteca é reservado para os livros infantis. Neste espaço, docentes e alunos/as tem acesso, inclusive com uma prática de incentivo à leitura onde as crianças podem em todas as sextas-feiras preencher uma ficha para a retirada de livros para levá-los para casa retornando-os nas segundas-feiras. Um espaço bastante circulado pelos/as nossos/as alunos/as em especial nestes dias em que podem levar mais de uma opção de leitura. A partir das minhas observações, somadas a minha prática e as teorias relacionadas à construção de gênero, decidi então fazer meu trabalho a partir de alguns livros de literatura infantil, procurando observar se os conteúdos desses livros abordam comportamentos de gêneros bem como discutir as relações presentes nesses textos e imagens.

4. O que os livros nos contam – a representação do feminino na literatura infantil

Dentre os livros escolhidos e, a partir da análise realizada, pude constatar que os livros são generificados, isto é, demarcam, delimitam de forma bastante rígida, as atribuições e atributos do feminino e do masculino, quase sempre como mundos antagônicos. Além disso, há ainda a existência de representações heteronormativas, reforçando assim comportamentos e valores considerados hegemônicos na nossa cultura. Após essa constatação elenquei algumas categorias a fim de analisar a presença desses comportamentos através das imagens e textos presentes nessas obras, especialmente em relação ao feminino. Mesmo demarcando essas categorias a fim de organizar a escrita deste trabalho, é importante destacar que, por vezes, essas categorias são atravessadas por fronteiras muito tênues, podendo estar contidas em outras categorias durante o trabalho, assim como a possibilidade de outras tantas categorias que não apareceram no decorrer de minha escrita. As categorias aqui presentes foram escolhidas conforme a recorrência entre os livros analisados.

4.1 Amor e romantismo: coisa de mulher?

Os livros analisados reforçam a ideia de que o amor e o romantismo são tipicamente femininos, na medida em que, em suas ilustrações, costumam rodear a figura feminina por alguns símbolos marcadamente associados a esses sentimentos, tais como corações, flores, etc, como nos mostram as imagens abaixo, extraídas do livro *Convivendo com seu sexo*:



(p.15)



(p.11)



(p. 41)



(p. 17)



(p. 21)



(p. 42)

Percebe-se aqui a idealização do amor, pairando sobre o contexto familiar, “colocando tudo no lugar”. Tendo amor resolvem-se todos os problemas mesmo dentro de algumas necessidades. Durante as análises dos diferentes livros a aparição da mulher dava-se como alguém que conseguiria amar de forma incondicional, cuidando e organizando os espaços representados pela família, família essa nuclear permeada pelo amor e harmonia. Quando paro para pensar algumas questões comportamentais atribuídas socialmente às mulheres, fica muitas vezes difícil analisa-las a partir do ponto de vista crítico. Acredito que pela minha condição de mulher também meu pensamento repousa, muitas vezes, sobre tais valores, em que me constituí como mulher. .

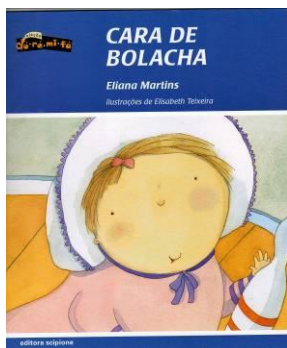
Nos livros analisados, a mulher é vista como alguém que dá estrutura ao lar, um esteio, alguém forte o suficiente para cuidar, zelar, amar incondicionalmente e confiar. E esse amor ganha visibilidade e reconhecimento quando a mulher se torna mãe, pois tal função é glamourizada e mitificada, na medida em que a mulher que se torna mãe passa a ser comparada ou a ter como modelo a virgem santíssima.

O casamento também é uma instituição extremamente desejável para as mulheres, pois através dele ela torna o exercício da maternidade legítimo. Ela ganha respeitabilidade como casada e como mãe, adquirindo, portanto, outro *status*.

Buscando analisar as histórias e como estas vêm tratando a questão de gênero, em especial o feminino, é fácil observar que ainda este comportamento em relação a mulher é forte e reforçado dentro desses artefatos culturais (livros). É interessante observar que até as personagens que não são mães aparecem desempenhando este papel, como é o caso da branca de neve. Ela aparece desenvolvendo atividades que envolvem cuidados como, limpar, cozinhar e esperar os membros que vivem naquela casa - os anões. E eu me pergunto: e se fosse ao contrário, e se a casa fosse habitada apenas por mulheres, como seria? Que olhares recairiam sobre elas? Com certeza teria outra conotação já que cuidar da casa é atributo primordial para as mulheres, em muitas sociedades. A estas, exige-se limpeza, capricho, higiene. Já os homens podem ser mais relapsos com essas questões de limpeza, por exemplo.

4.2 Beleza, delicadeza e intuição: atributos do feminino?

A figura feminina, dentro dos contos de fadas, se apresenta como frágil e meiga. Em um momento da história “Cara de Bolacha”, uma das imagens reflete a delicadeza da recém nascida, ameaçada pelo barulho do irmão mais velho, e também em passagens de *A Princesa e a Ervilha*, quando ela é incomodada por um ínfimo grão de ervilha, ficam evidenciadas essas características.

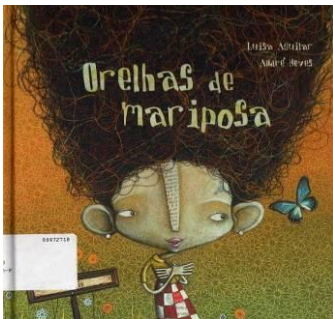


“Somente uma verdadeira princesa poderia sentir algo tão pequeno como uma ervilha debaixo de 20 colchões e 20 lençóis.” (A Princesa e a Ervilha p. 16-17).

“A rainha começou a pensar numa forma de descobrir se a jovem era ou não uma verdadeira princesa.”. (A Princesa e a Ervilha p.11)

“Mal tirei uma soneca (...) havia alguma coisa dura debaixo do colchão” (A Princesa e a Ervilha p.16-17)

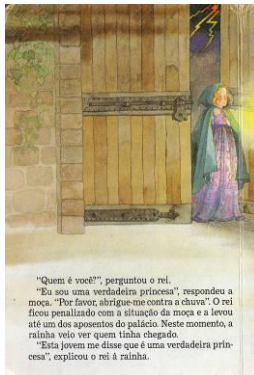
Também há uma incidência de mulheres loiras, esguias, pequenas, características estas muitas vezes absurdamente perseguidas por muitas mulheres. Quem não se encaixar nesse padrão estético é de certa forma, “renegado” e quem realmente quer ser uma princesa deverá respeitar esse padrão. E os que estão fora são evidenciados como na frase: “Mara tem orelhas de abano” (Orelhas de Mariposa p.5).



Esse caso também é observado em “A Princesa e a Ervilha” no momento em que ela chega ao castelo, maltrapilha e fora desse padrão de beleza. Outro exemplo que fica evidente é a imagem da irmã de Cinderela, que tenta experimentar, em vão, o sapatinho de cristal, ou seja, as medidas de uma princesa também estão predefinidas até mesmo na numeração de calçados: elas precisam ter pés pequenos, meigos e delicados.

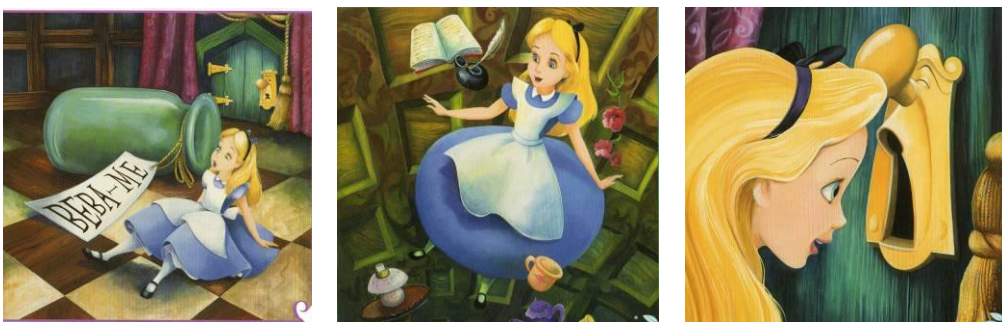


“Era uma vez um príncipe que queria se casar com uma VERDADEIRA princesa”



(A Princesa e a Ervilha p.4)

Em contraponto a esse padrão aparece também a figura feminina que possui um comportamento que não condiz a esse gênero, transgredindo o que para ela estaria reservado apenas à “condição feminina” como a curiosidade, a transgressão, a busca do conhecimento através dos livros. Esse comportamento é revelado fortemente na figura de Alice, que passa o tempo todo se projetando, buscando novos caminhos e respostas para sua vida entediante. Para ela, resta a punição de ir a um mundo desconhecido bem como a exclusão, por ser uma pessoa “diferente”. Nas frases seguintes além de Alice, aparece Ariel, aconselhada a comportar-se como humana. “Se você quer ser humana, a primeira coisa que tem de fazer é se vestir como uma” (Ariel – A Magia das Princesas); “Se eu tivesse um mundo só meu, tudo seria absurdo” (Alice – A Magia das Princesas); “Desejava não ter chorado tanto” (Alice – A Magia das Princesas).



Nas brincadeiras livres em sala, principalmente no canto da casinha, freqüentemente observo as meninas se enfeitando com colares, brincos e maquiagem. E quando surge a ideia de representação, em geral escolhem as professoras mais magras e jovens, e quando mais de uma menina escolhe a mesma professora a disputa começa e as alegações também:

“eu não quero ser a.. porque ela é gorda, não tem cabelo lisinho e não gosto da roupa dela”.

Muitas vezes me deparei com as meninas adorando uma das professoras dizendo:

“sabia que eu te acho linda? Teu perfume é bom, quero que meu cabelo seja comprido e liso como o teu”.

Um dos dias da semana é reservado para os brinquedos de casa e nesses dias sempre me surpreendo com as escolhas de coisas trazidas de casa: em geral os meninos sempre trazem os mesmos objetos: carrinhos. As meninas, esmalte, batom, perfume, jóias e sem falar das roupas, pois se pudessem, trocariam a toda hora. Mesmo que esteja frio, é preciso muita conversa para elas colocarem mais roupas, pois, segundo elas, preferem ficar com frio a se encherem de roupas. Quando solicitados a guardar seus brinquedos, em geral os meninos poucas vezes burlam as regras, já as meninas pensam em estratégias para ficar com estes objetos. Muitas vezes escondem por debaixo das roupas, levando-os para a sala do sono, sem que as professoras percebam. As meninas, em várias situações de brincadeiras, exercitam sua

sensualidade, usando em abundância as maquiagens. Depois chamam os meninos para serem seus namorados, para algumas meninas cabe até ter mais de um. Os meninos ficam contrariados com tal situação e reclamam dizendo: *“isso não pode, só pode namorar um!”*.

Em uma das histórias analisadas, a mulher é representada como fútil e insatisfeita, mesmo com o roupeiro cheio de roupas. Tal fato reforça também a ideia de que mulheres são consumistas, como se essa fosse a única preocupação para as mulheres.

Percebe-se, ao longo do livro “A Magia das Princesas” que as cores utilizadas em suas páginas são predominantemente o rosa e o roxo, cores arbitrariamente atribuídas à identidade do gênero feminino. Desta forma, é possível pensar o quanto essa cor está associada a representação de fragilidade e meiguice. Pode-se perceber na imagem abaixo do livro “O Guarda-Roupa de Maria” e “A Princesa e a Ervilha” que as roupas das personagens são apresentadas em cores claras e, mesmo o azul aparece de forma atenuada.



Na Instituição onde atuo como professora aconteceu um fato interessante: certa manhã, dois meninos foram até o banheiro e um disse para o outro: “Ei! Esse aí é de menina!”. No primeiro momento, me surpreendi com aquela colocação, uma vez que as portas eram todas azuis. Fui então buscar algum outro elemento que pudesse explicar aquele comentário do menino. Deparei-me então com a silhueta de uma menina, assim como em outras portas há o desenho também de menino. É interessante observar que a porta principal contém a figura dos dois corpos (masculino e feminino). No entanto,

internamente, existem portas divisórias que delimitam espaços e ocupantes. Embora esse ambiente não tenha sido planejado a fim de ser delimitado entre meninas e meninos, e esses desenhos tenham sido utilizados apenas para contemplar os dois públicos, ficou evidente o quanto essa separação entre meninos e meninas, homens e mulheres já está incorporado pelas crianças desde cedo. Essa leitura nos remete a pensar em como essas marcas estão constituídas no sujeito desde cedo, marcas essas herdadas ao longo da história, produzindo identidades, ditando comportamentos hegemônicos.

Podemos afirmar, portanto, que masculinidades e feminilidades são construções culturais que se instituem nos artefatos – como os livros infantis – e que também “formam” as identidades de gênero dos sujeitos que interagem com tais artefatos. Há, assim, uma dimensão pedagógica na literatura infantil que, neste estudo, se evidencia pelo modo como as representações vão sendo apresentadas às crianças nas obras em questão. Assim sendo, os artefatos culturais passam a ter uma centralidade discursiva que vai constituindo sentidos mais ou menos dominantes sobre determinadas identidades e terminam por consolidar entendimentos do que significa ser, neste caso, menino e menina. (KAERCHER; DALLA ZEN, 2009)

4.3 Vestuário com cores angelicais e adereços; Mulheres fúteis, mulheres cuidadoras e o modelo de família nuclear;

Outro ponto importante é a preocupação em colocar a mulher apenas na esfera do consumismo desenfreado: que roupas usar na festa, por exemplo. É o caso da personagem Maria, que está muito chateada, pois ao abrir seu armário repleto de roupas, percebeu que não tinha algo novo para usar na festa. Tal situação coloca as mulheres voltadas apenas para futilidades e a falta de preocupação com outros problemas mais relevantes.



“O guarda-roupa de Maria está entupido de roupa, mas a tonta, danadinha, diz ainda que tem pouca.” (O Guarda Roupa de Maria)

No livro *Convivendo com seu sexo*, temos a imagem da mãe de Anita conversando com amigas despreocupadamente enquanto as crianças brincam. Esta imagem também é utilizada como um ideal de futuro para Anita, que ainda é um bebê, enquanto que para seu irmão Pedro, os pais sonham com um futuro promissor - um homem trabalhador, capaz de garantir e sustentar financeiramente a casa – enquanto sua mulher é retratada como um objeto de decoração do lar, aparentemente sem responsabilidades com o sustento da casa.



Segundo Mirian Grossi:

É com o advento da Revolução Industrial que se consolida, no século XIX, essa separação que seria a política e o trabalho associados ao plano masculino, em oposição ao complementar, que aqui seria o lar, o doméstico, coisas do feminino. A gente sabe que este modelo que vai localizar o homem na rua e a mulher dentro de casa é algo que só vai servir a uma classe social, a burguesia. (...) Nas sociedades tradicionais, o gênero é marcado por tarefas exclusivas de homens e mulheres. Assim, no mundo industrial, os homens estavam ligados à esfera da produção enquanto as mulheres à esfera da reprodução (tanto no que se refere aos filhos, quanto nos trabalhos domésticos

necessários à reprodução de força de trabalho.). (GROSSI, 1995. p. 13)

A figura da mãe como mulher responsável pela estrutura familiar no que tange ao cuidado, ao afeto e ao bem-estar de seu lar está presente em todas as obras analisadas, tais como:

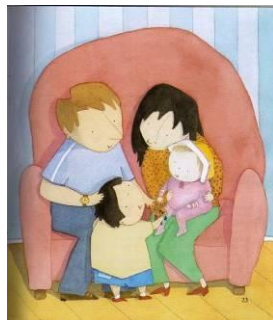
“Era só pedir alguma coisa que a mãe logo fazia” (Cara de Bolacha pág. 4).
“Não filha, você tem orelhas de mariposa” (Orelhas de Mariposa p. 06). Tal frase foi proferida pela mãe para minimizar o fato da filha ter orelhas grandes, demonstrando assim essa preocupação em proteger a filha.

Nessas recorrências, a mãe (e por conseqüência, as avós também como a avó de Pocahontas representada por uma velha árvore) aparece como a única responsável pelo “atendimento” dos membros da família. Muitas vezes, a personagem não é mãe, mas sua figura de dedicação total a remete a essa função, como Branca de Neve, Wendy de Peter Pan, Bela, Cinderela- como retratado nas imagens abaixo:





É importante dizer que as famílias presentes nas histórias remetem sempre a um modelo nuclear de família (pai, mãe, filho, filha), sempre rodeada pelo amor e pela perfeição, geralmente sem conflitos e provida pelo homem que desempenha seus papéis de pai e marido.





O Homem ao longo da história sempre foi considerado um ser superior em relação às mulheres e a eles o legado de todos os direitos de um provedor. A elas a opressão, a submissão e a obediência às regras socialmente impostas ao longo da história. A partir das análises feitas em cima das histórias infantis pode-se observar o quanto a mulher é sujeitada culturalmente como possibilidade referencial para o afeto e os cuidados. Ainda é posta como frágil, incapaz de fazer determinadas tarefas que não sejam próprias de “sua natureza”. Cabe a ela assumir papéis secundários, como o de cuidar dos afazeres da casa e dos membros que nela vivem - marido, filhos, netos e irmãos -, bem como garantir a educação e o afeto.

Em minha sala de aula, existem espaços demarcados pelos cantinhos. São eles: o cantinho da cozinha, dos jogos, das histórias. Frequentemente observo quem e quais os espaços em que meninas e meninos brincam. Inicialmente observava que os espaços freqüentados pelas meninas despertavam algum interesse também nos meninos, que começaram a interagir nas brincadeiras. Inicialmente fiquei surpresa e ao mesmo tempo feliz com este comportamento dos meninos e comecei a observar como eles brincavam neste espaço. Para a minha decepção os meninos representavam papéis de motoristas, bombeiros, pais, super-heróis, etc. e as meninas eternamente servis, fazendo comida, cuidando dos meninos, limpando a casa, representando papéis de mamãe e se embelezando para os príncipes. Ficam evidentes as representações de masculinidades e feminilidades através das representações dos jogos simbólicos nas brincadeiras dessas crianças. Através das brincadeiras podemos observar as representações de identidades entre estes pequenos sujeitos e as relações de poder que se estabelecem entre meninos e meninas. Segundo Pires:

O par homem/mulher, um dos binômios mais inquestionáveis em nossa sociedade, se apresenta normalmente como a relação antagônica entre dois pólos extremos, com características dadas *a priori* e um deles significa ter que excluir totalmente as características atribuídas ao outro par. (PIRES, 2009, p.19)

Este comportamento é tão naturalizado em cada sexo que ambos dificilmente aceitam modificação desses modelos, tão intensamente inculcados. Muitas vezes de forma sutil e reiterada, são apresentados padrões de comportamento tidos como desejáveis para meninos e meninas, homens e mulheres. Qualquer possibilidade de rompimento ou transgressão dessas normas corre-se o risco de ser vítima de um rigoroso julgamento moral e possível exclusão do grupo. Da mesma forma, a família vem representada dentro dos modelos heteronormativos: pai, mãe, o filho e depois a filha, como nas frases:

“Em todas as famílias há um pai, uma mãe e os filhos”. (Convivendo com seu sexo p.11);

“Normalmente as famílias são como a de Pedro e Anita. Há um pai, uma mãe e os filhos” (Convivendo com seu sexo p.39);

“Mas uma coisa é igual em todas as casas: o amor” (Convivendo com seu sexo p.42).



No livro da Disney “A Magia das Princesas” percebe-se que o mesmo é destinado às meninas uma vez que suas frases são relacionadas às Princesas, artefato cultural tão

consumido pelas pequenas. Essas histórias traduzem modelos de corpos e comportamentos que servirão de modelo para as meninas, exaltando modelos de beleza e reforçando formas de comportamento, em especial às mulheres. Esta literatura funciona também como um manual de autoajuda, onde em várias passagens do livro aparecem frases de incentivo e encorajamento. A imagem da mulher traduzindo padrões de beleza e comportamentos heteronormativos. Com certeza esta literatura contempla a imagem da mulher fortemente como cuidadora, mãe, mulher, frágil, angelical, conselheira, afetuosa, organizadora, intuitiva e alguém que age com a consciência e com o coração. Representados por exemplo nas seguintes frases:

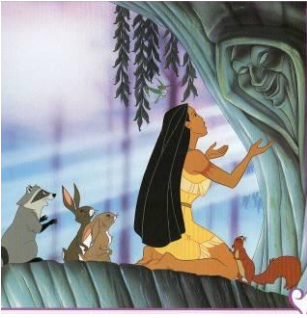
“Ouça o seu coração” (Jasmine – A Magia das Princesas);

“Algo dentro de mim está dizendo que esta é a coisa certa” (Pocahontas - A Magia das Princesas);

“Não, são grandes mesmo. Mas não me importo com isso” (Mara - Orelhas de Mariposa).

Livros que apresentam as relações amorosas sempre com finais felizes, apresentam ilustrações com elementos da natureza como pássaros, bichinhos com cores em sintonia com os apaixonados. A imagem do belo associada ao bem, a figura do feio associado ao mal, sempre com caracteres exagerados: narigudas, gordas, sempre entre as cores escuras como preto e roxo.

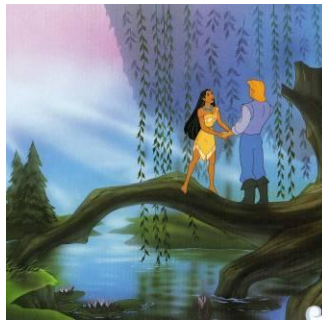
Em alguns livros até os objetos se apresentam na figura do feminino. Um exemplo disso pode ser visto na história de Pocahontas, em que sua avó, velha conselheira, é representada pela figura de uma velha árvore, como mostra a figura abaixo.



(Magia das Princesas)

4.4 Homens como figuras de proteção e segurança

Analisando a atribuição para a figura masculina dentro do espaço familiar, pude perceber que ele sempre aparece de forma distanciada, entretanto com forte aparência de segurança. E quando aparece fora exerce profissão de status em espaços como consultório, escritório, e em se tratando de menino uma projeção futura com modelo de masculinidade a partir da figura do progenitor, a menina como frágil, com cuidados angelicais, com roupas adornadas.



Apesar de no livro não conter essa imagem, Branca de Neve, uma vez envenenada, precisa ser salva por um beijo de um príncipe. Ela o espera, fazendo que com, dessa forma, muitas crianças pensem que existe um príncipe e é só esperar que ele vai chegar. E é assim em outras histórias de amor, em algum lugar existe a nossa cara metade é só procurar que ela irá achar.

É incrível como a condição do amor nos leva a crer que quem escolhe viver sozinho ou é problemático ou incapaz de amar, sendo visto/a como uma pessoa triste.

Se a mulher optar em não se casar e não constituir uma família e ou não ter filhos, aí sim, está fadada ao fim, como se fosse um sacrilégio perante a sociedade e a família. Lembro-me que no interior, em especial na zona rural, a menina mal começava a “ficar moça”, já começavam os preparativos da família toda, para ensiná-la a bordar toalhas e lençóis, enfim toda aquela “**parafernália**” para mais tarde se casar. No entanto, esqueciam de passar informações sobre as mudanças do corpo, a menstruação, o crescimento dos seios, dos pelos e o exercício da sexualidade.

Sem falar que estas questões que pontuei acima não podiam ser faladas, uma vez que éramos castigados. Lembro que uma vez ouvi algo sobre placenta, fiquei curiosa e ingenuamente me atrevi a perguntar à mesa na hora do almoço. Tive que sair da mesa e fiquei uma semana almoçando fora dela, sem a resposta. Imaginem a minha cabeça e a sensação de ter feito algo errado, uma pecadora. E até os dias de hoje, em certos espaços, fica difícil falar sobre sexualidade.

Nas escolas, como vimos, o tema é tratado como uma ação preventiva a saúde ou contraceptiva, em especial a abordagem é mais direcionada às meninas. Para concluir, pouco se fala sobre os prazeres, muito pelo contrário, o que se vê é um esforço tremendo das autoridades para negar, inclusive aterrorizando em nome das doenças infectocontagiosas.

Analisando as histórias e observando as recorrências de comportamentos nas diferentes categorias, evidenciei em vários momentos que a figura masculina sempre aparece como alguém forte, centrado e responsável pelo sustento e bem estar da família. Quando aparece no espaço da família, as imagens mostram o homem como co-participante, sempre de forma despreocupada. Já a mulher aparece no papel central neste espaço com os afazeres domésticos e os cuidados com os membros da família. Olhar este construído desde a infância onde meninos e meninas, desde cedo, têm atribuições e formas de comportamento diferenciado. Ao masculino, a liberdade, o mundo a ser descoberto e ao feminino o resguardo e a garantia do amor incondicional e afeto aos que a cercam. É vislumbrada a elas toda a fragilidade e doçura.

(...) são as mulheres (mães, filhas, irmãs) as responsáveis pela honra familiar. Cabe, portanto aos homens (pai, filhos, irmãos) o controle sobre a virtude feminina. Virtude que é reconhecida publicamente pela categoria respeito. Uma mulher de respeito é, portanto, uma mulher que está adequada aos comportamentos reconhecidos socialmente como femininos. Para as mulheres casadas, ser uma mulher de respeito está associado à capacidade de reprodução e de controle de sua prole. (GROSSI, 1995, p. 13)

5 Em busca de novos caminhos

Ver e descrever cenários são maneiras de selecionar o que impressiona e descartar o que não produz sentido. Enrolar as palavras, mas dar conta de expressar o visto, o vivido, o imaginado ajuda a elaborar um discurso sobre o real, a criar um jeito de falar e pensar próprio de cada um quando se é criança. Qualquer leitor de imagem poderá dar conta de exercer essa liberdade. (RAMOS, 2011, p.48)

Considerando a literatura infantil como um veículo de comunicação importantíssimo na sociedade e formadora de opiniões, aqui em especial os livros infantis que dialogam e seduzem as crianças. Penso que nós, educadoras, temos este grande instrumento que podemos utilizar a favor de nossas práticas em sala de aula e em outros espaços que envolvem as nossas vidas. Não tenho aqui a pretensão de destruí-los ou excluí-los de minha prática como docente, mas atentar as temáticas abordadas nos mesmos.

A partir de minhas análises, também pude observar o quanto a abordagem acerca de padrões comportamentais idealizados e encaminhados para diferentes corpos [feminino e masculino] repetidamente são reforçados. E entendendo a abordagem das questões, não tenho a pretensão de ignorá-los, mas sim, ter sobre eles um olhar crítico, e perceber que às vezes, de forma bastante tênue, reforçam identidades de gênero hierarquicamente colocadas como naturais.

A maioria das mulheres que conheço, acaba por reproduzir essa lógica sexista. não fica difícil perceber o quanto fazemos as coisas de forma automática e natural.

E para concluir, este artefato como já havia observado, é um forte instrumento que circula em diferentes espaços e diferentes culturas, levando ludicidade, mexendo com as fantasias e emoções das pessoas, em especial as crianças.

Para mim sempre foi visível o interesse das crianças por este artefato, com certeza meu olhar nada mudou em relação a este entendimento, mas ajudou-me a olha-los de forma mais critica, entendendo que esses preciosos portadores textuais necessitam ser trabalhados através da problematização dos temas tratados. Problematização que deve ocorrer através de questionamentos às crianças de que forma poderíamos criar outras formas de contar essa história, se o pai fosse cuidar da casa enquanto a mamãe está doente, ou enquanto a mamãe trabalha, o pai poderia ficar em casa com as crianças? E o príncipe, só pode se casar com uma princesa? Como seria essa princesa de verdade? Esses e outros questionamentos já apontariam para talvez um outro olhar e novas descobertas feitas não só pelas crianças, mas, principalmente por nós professoras.

REFERÊNCIAS

AGUILAR, Luisa. *Orelhas de Mariposa*. São Paulo: Callis, 2008.

ALANEN, Leena. Estudos feministas/estudos de infância: paralelos, ligações e perspectivas. In: CASTRO, Lucia Rabello. (org.) *Crianças e jovens na construção da cultura*. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2001. p. 69-92.

ÀRIES, Philippe. *A história social da criança e da família*.

BUTLER, Judith. Variações sobre sexo e gênero. In: BENHABIB, Seyla e CORNEL, Drucilla(Orgs.) *Feminismo como crítica da modernidade* (N. Caixeiro, trad.) Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1987.

BOLFER, Maura Maria Morais de Oliveira. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A RELAÇÃO LITERATURA INFANTIL E ESCOLA. Disponível em:

http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais14/Sem09/C09045.doc

CUNHA, Susana Vieira. CULTURA VISUAL, GÊNERO, EDUCAÇÃO E ARTE. 31º Reunião ANPED, 2008.

DISNEY. *A Magia das Princesas*. São Paulo: V&R, 2010.

FELIPE, Jane. Sexualidade nos livros infantis: relações de gênero e outras implicações. In: MEYER, Dagmar E. (Org.) *Saúde e sexualidade na escola*. Porto Alegre: Mediação, 1998.

GROSSI, Miriam Pillar. "Masculinidades: uma revisão teórica". *Antropologia em Primeira Mão*, v. 75, p. 1-37, 1995. Disponível em: <http://www.antropologia.ufsc.br>.

GRIMM. *A Princesa e a Ervilha*. Caramelo, 1997. ;

KAERCHER, Gladis Elise Pereira da Silva e DALLA ZEN, Maria Isabel Habckost. INTERPRETAÇÕES DE CRIANÇAS SOBRE AS REPRESENTAÇÕES DE FEMINILIDADE E MASCULINIDADE NA LITERATURA INFANTIL *Revista Fazendo Gênero*. Fazendo Gênero 9 Diásporas, Diversidades, Deslocamentos 23 a 26 de agosto de 2010.

Disponível em:

http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1276781560_ARQUIVO_TextoFazendoGenero08jun%5B1%5D.pdf

LOURO, Guacira Lopes et al. *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*: Rio de Janeiro, Vozes, 2003.

LOURO, Guacira Lopes. *Corpo, escola e identidade*. In: *Educação & realidade*. Porto Alegre. Vol. 25, n. 2 (jul./dez. 2000), p. 59-76

MARTINS, Eliana. *Cara de Bolacha*. Scipione, 2005.

MEYER, Dagmar Estermann. *Escola, currículo e diferença*. In: BARBOSA, Raquel Lazzari Leite. *Formação de educadores: desafios e perspectivas*. São Paulo: Ed. Unesp 2003.

PIRES, Suyan Maria Ferreira. "Histórias de amor para sempre, histórias de amor para nunca mais...": o amor romântico na literatura infantil. Tese de Doutorado. Porto Alegre, UFRGS, 2009.

RAMOS, Graça. *A imagem nos livros infantis: caminhos para ler o texto visual*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

RIGONI, Ana Carolina. *Religião e educação do corpo feminino*. Revista Digital - Buenos Aires - Ano 14 - Nº 133 - Junho de 2009 Disponível em <http://www.efdeportes.com/efd133/religiao-e-educacao-do-corpo-feminino.htm>

SOUZA, Halia P. *Convivendo com seu sexo*. Porto Alegre. Paulinas, 2001.

TOLEDO. Alba de Castro. *O Guarda-Roupa de Maria*. Rio de Janeiro. RHJ, 1989.

ANEXOS

TABELA DE LIVROS ANALISADOS

LIVRO	AUTOR	EDITORIA	ANO DE PUBLICAÇÃO	PAÍS DE PUBLICAÇÃO
MAGIA DAS PRINCESAS	Disney Enterprises	Vergara&Riba Editoras	2010	Brasil
CARA DE BOLACHA	ELIANA MARTINS	SCIPIONE	2005	BRASIL
ORELHAS DE MARIPOSA	LUISA AGUILAR	CALLIS	2008	BRASIL
A PRINCESA E A ERVILHA	IRMÃOS GRIMM	CARAMELO	1997	BRASIL
O GUARDA-ROUPA DE MARIA	ALBA DE CASTRO TOLEDO	RHJ	1989	BRASIL
CONVIVENDO COM SEU SEXO	HALIA PAULIV DE SOUZA	PAULINAS	2001	BRASIL